

Igrejas de Planta Octogonal: o Simbolismo Barroco em Goiás no Século XVIII

Gustavo Neiva Coelho*

Abstract

The religious buildings dating from the 18th century in the city of Goiânia usually present characteristics of the vernacular portuguese architecture. The baroque elements particular to the architectural style developed during that period cannot be observed. However, if at composition level baroque is not observed, it does appear in the use of a symbolism of its own, which is impressed in the plans of some buildings.

Key-words: History of architecture, History of Goiás, Baroque, Symbolism, Churches.

Resumo

As construções religiosas do século XVIII, na cidade de Goiânia, apresentam geralmente características da arquitetura vernacular portuguesa, não percebendo-se os elementos barrocos próprios da arquitetura desenvolvida durante esse período. No entanto se, a nível de composição, o Barroco não é aí encontrado, ele comparece na utilização de uma simbologia própria, impressa na planta de alguns edifícios.

Palavras-chave: História da Arquitetura, História de Goiás, Barroco, Simbolismo, Igrejas.

Introdução

Segundo o professor Italiano Monini, em seu trabalho Apontamentos - Teoria 2,

* Arquiteto, professor de Teoria e História da Arquitetura na Escola Edgar Graeff da Universidade Católica de Goiás

O símbolo é um signo que passa uma mensagem na medida em que representa algo, portanto exerce três funções essenciais: indica a presença de algo, marca o encontro com esse algo e determina uma relação entre a imagem e o eu.¹

Condição essencial das questões relacionadas ao misticismo, a simbologia ou o simbolizar através de gestos, figuras e formas, tem sua origem provavelmente no mesmo instante em que surge o homem na face da terra. O fogo e a água em princípio, as formas desenhadas em seguida, e em um momento posterior, o próprio significado das formas e dos desenhos transpostos para o espaço edificado.

Assim surgem então as referências e a busca de significado para coisas e elementos, indicando o ponto como representação do centro, do início; o círculo, o quadrado, a relação entre a criação e os números, os números e as formas, as formas e as fontes de força e poder do sobrenatural, do espiritual: o poder de Deus.

No cristianismo, o seu símbolo máximo, a cruz, passa à partir de determinado momento a ser empregado na definição da planta do templo, do edifício religioso, tendo no ponto de união das duas linhas (corpos), a localização do altar, o centro da celebração. Outros símbolos e formas místicas passam a incorporar se não o edifício, pelo menos detalhes importantes dentro dessa edificação, determinando pontos, convencionando situações.

Comentando sobre a igreja da Santíssima Trindade, em Kappel, na Baviera, John Bury diz que

aqui a devoção à Trindade é simbolizada pela planta baixa em trifólio, combinada com três torres redondas simétricas, coroadas por cúpulas alongadas de bulbos sobrepostos,²

ficando clara a utilização de formas e composição, como uma maneira de demonstrar devoção. A planta baixa e o trifólio como forma de representar a Trindade.

Dentro de toda uma simbologia mística que não cabe aqui aprofundar, encontramos elementos simbólicos que de certa forma vão nos interessar no estudo da organização e expressão formal de nossa arquitetura religiosa, desenvolvida ao longo do tempo, com predominância especial no século XVIII.

¹ MONINI, Italiano. Apontamentos - Teoria 2. Goiânia: prelo. 1995. p.51

² BURY, Jonh. Arquitetura e Arte no Brasil colonial. São Paulo: Nobel. 1991. p. 126

Ainda de acordo com os estudos do professor Italiano Monini, uma das bases do simbolismo utilizado pelo misticismo cristão, seria a utilização dos números. Segundo ele, dentro desse contexto, são os números

a concretização simbólica de uma linguagem. No Oriente, o sistema não é binário como no Ocidente. Os números são na totalidade 7, pois 7, são os elementos da natureza: ar, água, fogo, terra, plantas, animais e o homem.³

Em seguida indica a representação utilizada para o reconhecimento simbólico dos números, onde

o UM, é o Ser Incriado, Aquele que é, Deus; todos os demais derivam dele e, portanto, nas religiões orientais é o número não pronunciado;

o DOIS é o 1 + o Novo 1 = eu, a matéria;

o TRÊS é o 1 + o Novo 1 + outro = Trindade, comunicação, perfeição;

o QUATRO são os quatro lados do limite humano ou dois mais dois = número fechado em si - a Terra;

o CINCO é o 1 + 2 + 2 ou a relação entre os seres incriados e criados, a lei, a justiça (...) é o número do Pentateuco;

o SEIS é o 2 + 2 + 2 ou seja, a trilogia da matéria = o mau;

o SETE são os elementos criados pelo UM e, portanto, perfeito. É o número da plenitude,⁴

e finalmente, complementando esse conjunto, e simbolicamente o número que maior interesse apresenta para esse estudo, o OITO, que

é no judaísmo-cristão o número perfeito correspondente aos sete elementos criados - o UM (incriado) e agora manifestado em Jesus

³ MONINI, I. op. Cit. p. 54.

⁴ MONINI, I. op. Cit. p. 54/55.

⁵ MONINI, I. op. Cit. p. 55.

*Cristo qual Novo Adão. É o primeiro dia da Nova Criação Redimida, é o número do Cristo. Exemplo: A piscina batismal do primeiro milênio do Cristianismo tinha oito lados e era o resultado do Mistério da Encarnação, o casamento do Divino com o humano, do Círculo com o Quadrado.*⁵

No decorrer do século I, ao definir sua "cidade ideal", Vitruvius se utiliza do octógono como base para o perfeito desenho de sua cidade. Com outra forma, mas igualmente se utilizando do número oito, Filarete vai, no século XV, definir o traçado de Sforzinda, sua "cidade ideal".

Em decorrência do fato de ser o Barroco (período histórico de interesse desse estudo) o coroamento da Contra-Reforma, da retomada do poder pela Igreja, poder esse perdido durante o Renascimento, com a Reforma Protestante, torna-se compreensível o investimento no simbolismo religioso na edificação dos novos templos, e, como fica claro, é o "casamento do Divino com o humano", o símbolo/forma que melhor representa a história desse momento, ou esse momento histórico.

Sendo assim, essa vai ser uma forma utilizada tanto na planta de edifícios, como se pode observar nos projetos de Michelângelo e de Bramante para a igreja de São Pedro em Roma, como em aberturas do tipo de janelas, óculo ou mesmo de portadas, intensamente utilizados principalmente pelos Jesuítas, os grandes construtores da Contra-Reforma. Tal desenho mostra em alguns momentos a perfeita interseção das duas figuras, e em outras, sua total simplificação representada pela utilização do octógono.

A arquitetura religiosa em Portugal apresenta no século XII, uma considerável expansão do modelo românico, que já existia na região mesmo antes de sua autonomia política.

Nesse período, não só as ordens religiosas, mas também organizações como as dos Templários e dos Hospitalários, cuidaram de implantar seus edifícios em Portugal, apresentando uma característica comum, um programa consideravelmente reduzido, o que viria a ser uma das constantes da arquitetura religiosa portuguesa.

Praticamente, à partir do século XIII, começa a tomar corpo, em princípio como influência de outras regiões européias, a arte chamada Gótica, que posteriormente assumiria contornos e características próprias, dominando a arquitetura portuguesa até por volta do século XVI, quando vai lentamente cedendo lugar ao Maneirismo, após conviver com elementos representativos do Renascimento e da produção eminentemente portuguesa surgida por volta do ano 1500, e denominada Manuelino.

Com a era dos descobrimentos, e a influência crescente da Companhia de Jesus, também com caráter próprio português, o Maneirismo domina por um longo período a construção de novas edificações religiosas não só na metrópole, como também nas colônias da América, África e Ásia.

Se até então a arquitetura religiosa portuguesa se restringia basicamente a acompanhar e a adaptar conceitos desenvolvidos por outros centros europeus, notadamente Itália e França, vai ser à partir do final do século XVIII, já com o Barroco, que os portugueses vão demonstrar interesse por um novo tipo de planta para suas construções religiosas, em especial pelo formato poligonal, e baseado sem sombra de dúvida nas construções de planta centralizada, e não mais longitudinal, como era comum até esse período.⁶

Em território português, o Barroco criou, de forma genérica

*uma linguagem artística muito original que implica uma interpretação também muito particular de certos conceitos. Não há dúvida, por exemplo, que os arquitectos portugueses tinham um conceito de espaço muito particular e não exploravam efeitos de profundidade do modo como o faziam os seus colegas na Itália ou no Sul da Alemanha.*⁷

e isso se apresenta com muita clareza não só na arquitetura religiosa, mas também na arquitetura oficial e na construção de residências, como é o caso do edifício denominado "Casa do Mexicano", em Braga, ou o Solar de Mateus, em Vila Real.

Convém observar que o desenvolvimento de conceitos próprios na arquitetura em Portugal, não é uma característica exclusiva do período barroco, podendo ser encontrado em períodos anteriores, como o já citado goticismo português, além do Manuelino e do Maneirismo, que em Portugal apresenta um desenvolvimento, em linhas diversas do ocorrido no restante da Europa, desenvolvendo os arquitetos portugueses, elementos próprios com bases em conceitos já tradicionalmente conhecidos.

É como consequência do desenvolvimento evolutivo dessa arquitetura que Pais da Silva afirma que no Barroco, *

...desprezam-se a estabilidade, o equilíbrio, dá-se a dissolução da forma plástica e linear em algo que se move, que flutua; eliminam-se

⁶ Cf. BURY, J. op. cit. p. 120.

⁷ AZEVEDO, Carlos de. Igrejas de Portugal. Lisboa: Difel/Bertrand, 1985. p.37.

contornos para sugerir o não mensurável, abandona-se o estático, o rígido e o objetivo a favor do devir e do móvel...⁸

e desde as construções iniciais do período, com a acentuada interferência do Maneirismo, até às mais elaboradas do final do século XVIII, tais características vão surgindo e sendo trabalhadas, levando as edificações religiosas portuguesas a uma evolução própria, com a produção de monumentos de inestimável valor, onde além dos conceitos artísticos do Barroco, são acrescentados elementos de simbologia associados a uma geometrização mais elaborada, o que proporciona maior movimentação.

Constituem-se portanto essas construções de planta poligonal,

de fato, os projetos mais originais e audaciosos da época, pois na maioria das igrejas construídas nesse período ainda continuava sendo adotada a planta retangular maneirista. Mesmo assim, dentro do esquema maneirista às vezes se incorporava agora uma nova característica, ou seja, a nave octogonal, talvez indício da influência das plantas centralizadas.⁹

Apesar de considerar serem raros em Portugal dos séculos XVII e XVIII

vestígios de preocupação com a organização dinâmica dos volumes e com a modelação do espaço interior no domínio da arquitetura religiosa,¹⁰

Pais da Silva registra vinte modelos diferentes de organização de planta entre as construções elaboradas nesse período tanto em território da metrópole, como das colônias.

As primeiras experiências tentadas com o novo modelo, surgiram com as plantas projetadas para a igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, no ano de 1682, para a qual foram apresentadas propostas com base no octógono, no hexágono e na cruz grega, sendo todas do tipo centralizado, e escolhida a terceira para a construção. Seguiram-se as do Senhor da Cruz, em Barcelos (1707); Nossa Senhora dos Navegantes, em Cascais (primeiro quartel do século XVIII); São Sebastião, em Braga (1717); Barrocas, em Aveiros (1722);

⁸ SILVA, Jorge Henrique Pais da. Páginas de História da Arte, vol. II. Lisboa: Estampa. 1993. P.37.

⁹ BURY, J. op. cit. p 121.

¹⁰ SILVA, J.H.P. da. op. cit. p 102.

São Pedro dos Clérigos, no Porto (1732) entre outros, predominando aí o modelo octogonal na plantada nave.

Entre as construções cuja nave reproduz um octógono regular, uma das mais interessantes é a de Nossa Senhora dos Navegantes, em Cascais, que

assume a transposição do Maneirismo para as experiências do protobarroco, sobretudo através da rara planta oitavada que exemplifica o gosto de inovação formal característico daquele período.¹¹

Considerada inacabada, em decorrência do terremoto de 1755 e suas consequências econômicas, possui essa edificação uma simplicidade e despojamento interior incompatíveis com o seu momento histórico.

Ainda segundo a professora Raquel Henriques em seu trabalho sobre Cascais,

para quem tem do Barroco o entendimento exuberante da talha, a igreja dos Navegantes parece um desconforto, acentuado pelo caráter inacabado do conjunto (...). É preciso ficar, receber o jorro da luz que cai pleno sobre o chão e o corpo do octógono, para lentamente sentirmos a envolvimento da mão sábia do arquitecto não identificado que moldou esse inesperado espaço como quem realiza um círculo sagrado, decomposto pela norma do desenho e da arquitectura.¹²

Tal descrição corresponde fielmente, como se pode perceber, ao entendimento que o professor Carlos de Azevedo tem do Barroco. Segundo esse autor,

o Barroco é caracterizado por novos conceitos de arquitectura e de espaço, por movimento e por uma certa tendência para tratar a arquitectura plasticamente. Além disso, o Barroco traz consigo uma nova perspectiva sobre a luz, um novo apelo às emoções e uma predilecção pelos efeitos teatrais e ilusões de optica.¹³

A princípio polígonos regulares, tais plantas passaram, à partir do

¹¹ SILVA, Raquel Henriques da. Lisboa: Presença. 1988. p.42.

¹² SILVA, R.H.da.op.cit. p. 45.

segundo quartel do século XVIII a serem construídas com formato mais alongado, que segundo Pais da Silva¹⁴, seria o caminho desenvolvido por tais construções rumo à oval, que seria o momento menos estático da produção arquitetônica desse período, além do que, tal

*forma retangular se mantém na parte externa, aliada à fachada maneirista característica e à capela mor retangular, de modo que a nave octogonal é o único aspecto novo, e mesmo assim oculto, do exterior. Entretanto, parece que o formato octogonal da nave só não se reflete no exterior no caso das igrejas maiores e mais importantes, com fachadas de duas torres. Em construções menores (...) onde não há tal tipo de fachada, a nave octogonal se revela claramente no exterior.*¹⁵

Com a colonização do Brasil levada a cabo pelos portugueses, a arquitetura implantada em nosso território, em alguns momentos, ocorria quase que simultaneamente ao seu desenvolvimento na metrópole. Exemplo disso são os edifícios religiosos de planta octogonal construídos em território brasileiro que ocorrem praticamente ao mesmo tempo em que vão sendo construídos também em Portugal, se bem que em número extremamente reduzido.

Segundo Pais da Silva,

*embora sejam relativamente raras as igrejas no Brasil com nave poligonal, é frequente os altares junto ao arco cruzeiro estarem dispostos diagonalmente marcando os ângulos retos.*¹⁶

Tal situação que é também encontrada em Portugal, talvez com a mesma frequência, tem aqui, como exemplo, as igrejas da Conceição da Praia, da cidade de Salvador na Bahia, e a igreja do Convento de São Francisco, em Olinda, Pernambuco, e apesar de darem a impressão de possuírem a planta octogonal, essa figura se apresenta de tal forma irregular, que mais representa um retângulo de ângulos cortados, não existindo relação de harmonia entre as medidas dos seus oito lados.

De acordo com os estudos de Paulo Santos, a arquitetura desenvolvida em Lisboa, é no século XVIII, o elemento maior de influência e orientação, principalmente para a arquitetura religiosa em construção na cidade do

¹³ AZEVEDO, C. de. op. cit. p. 33.

¹⁴ Cf. SILVA, J.H.P.da. op.cit. p. 126.

¹⁵ BURY, J. op.cit. p. 121.

Rio de Janeiro. Dois edifícios se destacam aí nesse período por possuírem planta não regular, que são as de Nossa Senhora da Glória, considerada por esse autor como sendo a “jóia do século”, construída em 1730, e a de São Pedro dos Clérigos, de 1733.¹⁷

A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, tem sua nave de traçado octogonal percebida tanto pelo interior quanto pelo exterior, sendo a única na Região Sul do país a apresentar tal característica. Abandona por completo as formas retangulares, inclusive na capela mor e sacristia, formando sua planta, um oito, desenvolvido em linhas retas, pela união de dois octógonos irregulares, um na nave, e outro englobando os restantes compartimentos da edificação.

São Pedro dos Clérigos, demolida em 1924, em decorrência do alargamento da avenida Presidente Vargas, possuía seu corpo desenvolvido em linhas mais curvas, arredondadas, características que se apresentavam também em sua fachada.

Construídas praticamente no mesmo período, tem essas duas igrejas, seus projetos atribuídos ao Cel. José Cardoso Ramalho, que Paulo Santos, se não coloca dúvidas, pelo menos sugere reservas quanto à aceitação de tal fato. Segundo esse autor, na igreja da

Glória a originalidade da planta não apaga a rigidez dos traçados retilíneos, a contenção de propósitos e o peso da construção (espessura das paredes); na de São Pedro o traçado amolece nas formas polilobadas dos nichos laterais e do pórtico, e a maneira por que entre uns e outros se inserem as elaboradas torres (em que o círculo e o quadrado se entrecortam), revela virtuosismo amaneirado, ou seja: projetista de temperamento diverso do da outra igreja.¹⁸

O exemplar encontrado no Nordeste, que melhor representa o modelo em estudo, a igreja de São Pedro dos Clérigos, do Recife, tem data de construção praticamente do mesmo período das duas construídas no Rio de Janeiro, sendo todas elas contemporâneas à de São Pedro dos Clérigos da cidade do Porto, em Portugal.

Esse edifício pernambucano, apresenta a fachada dentro do esquema mais tradicional desse tipo de edificação, que é aquela com características maneiristas e duas torres laterais.

No estado de São Paulo, também duas edificações religiosas se apresentam com esse tipo de planta,

¹⁶ SILVA, J.H.P.da. op.cit. p. 137.

¹⁷ Cf. SANTOS, Paulo F. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro:IAB. 1981. p. 26.

*a igreja da Luz, e a capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, contígua à igreja de São Francisco.*¹⁹

Essas duas construções tem suas histórias ligadas ao nome do religioso franciscano, de formação jesuíta, frei Antônio de Santana Galvão, responsável por uma série de obras realizadas nos dois edifícios, sendo que a mais importante foi a mudança do eixo principal da igreja da Ordem Terceira, que segundo Benedito Toledo, ficou “quase imperceptível, certamente pelo fato de se tratar de planta octogonal”.²⁰

As principais construções religiosas da região do ouro, em Minas Gerais, demonstraram em seu apuro, um minucioso trabalho de estudo e evolução proveniente dessas construções de planta octogonal.

Uma das mais interessantes, e provavelmente a mais simples de todas, é sem dúvida a de São José de Minas Novas, na região de Diamantina, que de acordo com os estudos de Sylvio de Vasconcelos, citados por Suzy de Mello,²¹ tem sua planta octogonal baseada em uma construção francesa dos Templários.

A arquitetura desenvolvida pelo Barroco mineiro, principalmente de características religiosas, alcançou uma evolução não conseguida por nenhuma outra parte do território português, quer metropolitano, quer colonial. Exemplos maiores desses edifícios nessa região, são as igrejas de São Pedro dos Clérigos, de Mariana construída em 1760, e a de Nossa Senhora do Rosário, de Ouro Preto, provavelmente de 1785, que segundo Suzy de Mello teriam sido inspiradas nas de Nossa Senhora da Glória, do Rio de Janeiro, e São Pedro dos Clérigos, da cidade portuguesa do Porto.

Tal inspiração, principalmente no caso de Nossa Senhora da Glória fica bem caracterizada pela proximidade das formas, onde o “oito” de linhas retas da planta da igreja carioca é substituído por outro de linhas curvas, nas igrejas mineiras, utilizando já, não a forma octogonal, mas a sua evolução para a elipse.

Entretanto, em oposição ao que diz Suzy de Mello, Pais da Silva não vê a planta de São Pedro dos Clérigos do Porto como base ou inspiração para nenhuma outra, “ao contrário do sucedido em relação aos motivos de decoração arquitectónica ali empregados”.²²

De qualquer forma, sendo ou não inspiração para as edificações mineiras, o certo é que tal igreja apresenta com um certo grau menor de apuro,

¹⁸ SANTOS, P.F. op.cit.p.27.

¹⁹ TOLEDO, Benedito Lima de. Igrejas paulistanas de planta octogonal. In: Revista da USP n.2. São Paulo: EDUSP. 1986.p.123.

²⁰ TOLEDO, B.L. de. op. cit. p. 132.

a forma elíptica em sua nave (e somente af), que como aquelas, é facilmente detectada pelo exterior.

Existem no estado de Goiás, duas edificações religiosas elaboradas com a utilização do octógono na definição da planta de suas naves, tendo sido construídas nos anos de 1779 e 1782, respectivamente, a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, e igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Além da semelhança na definição da planta, outros fatores ligados à história desses dois templos fazem com que eles se aproximem e se destaquem em relação aos outros edifícios religiosos não só da cidade, já que estão as duas implantadas na antiga capital Vila Boa, hoje Goiânia, mas de todos os demais do estado.

Construídas juntamente com a maioria dos edifícios religiosos da cidade, já no período de plena decadência da exploração aurífera, tiveram esses dois templos, suas construções, ainda inacabadas, doadas a irmandades de homens pardos, a saber, a de Nossa Senhora do Carmo, para a Irmandade dos Homens Pardos Crioulos de São Benedito, e a de Nossa Senhora da Boa Morte, para a Irmandade dos Homens Pardos.

O atual edifício da igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, teve sua construção iniciada, segundo o padre Des Genettes,²³ com provisão datada de 6 de setembro de 1762, por iniciativa dos militares liderados pelo capitão de cavalaria Antônio da Silva Pereira, devendo a mesma ser dedicada a Santo Antônio de Pádua, o santo militar. Entretanto, uma proibição por parte da Coroa portuguesa, quanto a construção de novas capelas pertencentes a militares, levou à paralisação das obras e posterior doação da mesma à Irmandade dos Homens Pardos, cuja capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte, já em estado de ruína, se encontrava no largo do Chafariz, próximo à Casa de Câmara e Cadeia.

Não se tem notícia, ou documentação sobre o estado de adiantamento e situação da obra à época da doação, ficando, portanto, impossível determinar se as características arquitetônicas que tornam especial esse edifício, foram imprimidas desde o início de sua construção pelos militares, ou se em nova fase de trabalhos pelos membros da Irmandade dos Pardos.

Situada estrategicamente na confluência das ruas do Horto e Fundação, tem sua fachada, única na cidade com características e elementos da arquitetura barroca, voltada para o largo do Palácio, em um terreno onde, segundo Silva e Sousa²⁴, teria existido uma casa de propriedade do fundador Bartolomeu Bueno.

²³ MELLO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 153.

²⁴ SILVA, J.H.P. da op. cit. p. 125

Em planta, esse edifício apresenta dois retângulos: nave e capela mor, de larguras diferentes e separados pelo arco cruzeiro, como normalmente ocorre nesse tipo de edificação. Entretanto, a organização interna da nave, seguindo padrões diversos daqueles utilizados à época, leva a uma aproximação de sua análise à daqueles edifícios estudadas por John Bury, no que se refere à relação entre monumentalidade e imponência do edifício, com a percepção pelo exterior do formato de sua nave.

E aqui convém observar, apesar de não ser uma construção de grande porte, não ser das primeiras a serem construídas na cidade e não possuir torres, elementos relacionados por Bury, o octógono da nave encontra-se inscrito em um retângulo, que é a figura vista pelo exterior. Teríamos aqui uma contradição em relação aos estudos desse autor, não fosse o fato de contar essa edificação com uma imponência e apuro técnico de acabamento que a destacam em relação às demais. Sua localização em relação ao largo do Palácio e mesmo em relação ao terreno onde está implantada, contribuem grandemente para a criação de uma situação que leva a esse destaque.

Seguindo o modelo evolutivo de algumas igrejas da região de Minas Gerais, onde

a altura da nave era ampliada e um segundo pavimento atendia aos requisitos das Irmandades: acima da sacristia, situava-se então, um salão com a mesma área, destinado às reuniões das mesas das Irmandades que é denominado consistório.²⁵

Na igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, o acesso às tribunas é feito por esse salão.

Os altares laterais, em número de dois, associados ao coro, de formato excepcional, criam no interior da nave um octógono que transmite ao conjunto interno do edifício um sentido de erudição não percebido em nenhum outro templo da região. Essa sensação torna-se ainda maior, quando observamos a regularidade com que se desenvolvem os arcos em seu interior.

Temos portanto, um conjunto singular formado por uma série de arcos compostos pelos altares laterais e tribunas, duas paredes cegas na parte inferior e com duas janelas na parte superior, à moda das existentes na igreja dos Navegantes, em Cascais, apenas que emparedadas, impedindo assim a sensação de luminosidade sugerida por Raquel Henriques, quando se refere àquela edificação portuguesa. Completam o conjunto os grandes arcos do coro e cruzeiro que se defrontam no sentido longitudinal da edificação. Tudo isso coroado pelo forro poligonal apainelado, pintado de branco e colocado

imediatamente sobre as paredes, sem nenhum elemento decorativo de transição.

Sem o mesmo sentido de erudição que caracteriza a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, mas nem por isso menos elegante, a igreja de Nossa Senhora do Carmo, encontra-se encravada na malha urbana de forma bem diversa do que acontece com aquela. Parede e meia entre o Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e casas residenciais, em uma rua estreita, em momento algum sua fachada sóbria e destituída de ornamentos permite antever o movimento de formas e ambientes do seu interior.

Com uma série de compartimentos internos irregulares, possui essa igreja, a planta da nave formada por um octógono regular que contrasta vivamente com o restante do conjunto.

Movimentada tanto em decorrência da inclinação de suas paredes, em planta, que geram espaços de formas indefinidas, como do terreno, que pelo seu desnível, obriga a criação de planos diferenciados no piso. Possui ainda os arcos da estrutura de sustentação do coro executados com formato próximo daqueles utilizados nas construções medievais árabes. Vem ainda contribuir com essa movimentação, os altares trabalhados e o apainelado do forro da nave.

Possui ainda duas janelas para as tribunas, sendo uma sobre um dos altares laterais, e outra sobre o púlpito, criando um conjunto não visto em nenhum outro edifício religioso da região.

Essa edificação consegue reunir os elementos definidores das antigas capelas portuguesas da Idade Média com elementos do Barroco, sintetizados em uma sobriedade característica do Maneirismo. Apresenta, além da planta octogonal, um movimento de formas e de volumes no interior da nave que complementam o sentido visual do Barroco, expresso de forma extremamente modesta ou até mesmo sutil, dentro do conjunto arquitetônico da cidade.

Conclusão

Apesar de descoberta por paulistas, e durante muito tempo haver atraído praticamente aqueles aventureiros menos cultos, a Capitania das Minas de Goiás, possuiu por muito tempo um número muito grande de portugueses compondo sua população, principalmente na capital Vila Boa.

²³ des. GENETTES, Raymundo Henrique. Igrejas goianas. In: jornal *Provincia de Goyas*. N. 34 de 18/agosto/1870.

²⁴ SILVA E SOUSA, Luiz Antonio da. *O descobrimento da Capitania de Goiás*. Goiânia:UFG. 1967.

Governadores, comandantes militares, religiosos, comerciantes, grande parte dos componentes das mesas das irmandades eram portugueses, não esquecendo o santo militar a quem seria dedicado inicialmente o templo cedido aos homens pardos, Santo Antônio de Pádua, também chamado Santo Antônio de Lisboa.

Não existe dúvida quanto à grande participação e influência da cultura portuguesa na definição do traçado da cidade, como também de sua arquitetura, tendo visto sua interferência em praticamente todas as áreas de desenvolvimento e crescimento da Capitania.

São portanto portugueses, as técnicas construtivas, mesmo aquelas trazidas inicialmente pelos paulistas; os projetos para os principais edifícios públicos; a organização das irmandades e a definição das principais características das edificações religiosas. Sendo assim, a planta octogonal das duas igrejas goianas, quer tenham sido definidas já no início de suas construções, pelos militares de Santo Antônio uma, e pelo secretário de Governo a outra, ou influenciadas em sua etapa final, pelas irmandades, novas proprietárias, o que se observa é sempre a participação da cultura, da técnica e da forma portuguesa de edificar seus templos.

Convém lembrar ainda, que mesmo distante dos centros de cultura da Colônia, e principalmente da Metrópole; mesmo não contando na composição de sua população com elementos de interesse cultural mais elevado; mesmo que a economia aurífera já plenamente esgotada transformasse a cidade em núcleo urbano de atividades quase que exclusivamente administrativas, é esse período ainda o século XVIII, o século da construção dos grandes e expressivos monumentos barrocos, o século do Aleijadinho, e por mais pobre e insignificante que possa parecer a arquitetura goiana no contexto geral, também aí tais influências se fizeram presentes.

Uma coisa no entanto podemos afirmar: a representação de um simbolismo, a utilização do octógono na elaboração da planta das duas igrejas goianas não se resume a apenas uma influência estética. O acabamento, o esmero e a forma como foram resolvidas plasticamente, demonstram muito mais um conhecimento de causa do que mera cópia.

Barroco em Goiás não se apresenta de forma monumental, ou com expressividade erudita. Apresenta-se sim nos detalhes, no emprego de elementos característicos, na utilização da simbologia própria do movimento, que tão bem caracterizou edificações tanto em terras brasileiras como portuguesas.

²³ MELLO, S. de. op. cit. p. 139.

Bibliografia

- AZEVEDO, C. de **Igrejas de Portugal**. Lisboa: Difel/Bertrand. 1985.
- BAZIN, G. **A arquitetura religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: Record. 1983.
- BURY, J. **Arquitetura e arte no Brasil colonial**. São Paulo: Nobel. 1991.
- Des GENETTES, pe. R.H. Igrejas goianas, in: jornal **Provincia de Goyáz** n.34 de 18/agosto/1870.
- MELLO, S. de. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- MONINI, I. **Apontamentos - Teoria 2**. Goiânia: prelo. 1995.
- SANTOS, P.F. **Quatro séculos de arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB. 1981.
- SILVA, J.H.P. da. **Páginas de história da arte, vol. 2**. Lisboa: Estampa. 1993.
- SILVA, R.H. **Cascais**. Lisboa: Presença. 1988.
- SILVA E SOUSA, pe. L.ª da. **O descobrimento da Capitania de Goyáz**. Goiânia: UFG. 1967.
- TOLEDO, B.L. de Igrejas Paulistanas de planta octogonal, in: **Revista da USP. n.2 de agosto/1986**.
- VASCONCELLOS, S. de **Arquitetura dois estudos**. Goiânia: UCG. 1983.